

DILTHEY: UMA PONTE PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS

DILTHEY: A BRIDGE TO HUMAN SCIENCES

Rodolfo Victor Cancio Evangelista*

RESUMO

O pensamento de Dilthey apresenta uma proposta de emancipação das ciências do espírito em relação às ciências da natureza. Para o filósofo alemão, as ciências do espírito ou ciências humanas, como geralmente as “*geisteswissenschaften*” são traduzidas, não poderiam se limitar aos fundamentos naturais para seu desenvolvimento, uma vez que a vida psíquica não pode ser reduzida a uma explicação. Desse modo, devemos estar atentos ao nosso objetivo de compreender essa diferenciação epistemológica que abre caminho para as ciências humanas. Se adentrarmos ao pensamento de Dilthey enquanto um sistema fechado, podemos cair no engano de compreendê-lo objetivamente e, assim, questões valiosas de sua teoria podem passar despercebidas. Nesse sentido, antes mesmo de abordar a proposta diltheyana para a emancipação das ciências humanas, primeiramente iremos recorrer ao pensamento de Descartes e Kant para visualizar a separação entre sujeito e objeto, que se apresenta fundamental para as ciências naturais.

Palavras-chave: Dilthey, Descartes; Kant; ciências humanas; ciências naturais.

ABSTRACT

Dilthey's thought presents a proposal for the emancipation of the sciences of the spirit in relation to the sciences of nature. For the German philosopher, the sciences of the spirit or human sciences, as "geisteswissenschaften" are generally translated, could not limit themselves to the natural foundations for their development, since psychic life cannot be reduced to an explanation. Thereby, we must be attentive to our goal of understanding this epistemological differentiation that opens the way to the human sciences. If we approach Dilthey's thought as a closed system we may fall into the mistake of understanding it objectively, and thus valuable issues of his theory may go unnoticed. Hence, before approaching Dilthey's proposal for the emancipation of the human sciences, we will first turn to Descartes and Kant to visualize the separation between subject and object, which is fundamental to the natural sciences.

Keywords: Dilthey, Descartes; Kant; human sciences; natural sciences.

A tarefa que nos colocamos neste momento é de apresentar brevemente a teoria de Dilthey e suas contribuições para as ciências humanas. Para isso, é favorável que, no movimento de investigar o autor e seus textos, tenhamos como direcionamento uma visão ampliada daquilo que pretendemos explorar. Nesse sentido, sendo contundente a própria teoria

* Mestrando em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - UNICAMP/FCA. Graduado em Psicologia pela PUC Minas. E-mail: rodolfovc13@gmail.com.

diltheyana que olha para a historicidade como algo fundamental na compreensão humana, buscaremos primeiramente situar o pensamento de Dilthey presente no desenvolvimento da Filosofia. Posteriormente, nossa tarefa se direcionará para uma breve apresentação do pensamento do filósofo.

Tendo definido nossos objetivos, podemos primeiramente nos direcionar para a Modernidade enquanto um fenômeno essencial para nossa análise. Quando nos referimos ao mundo moderno, ao homem moderno, às ciências modernas, o adjetivo que acompanha o substantivo expressa um alicerce muito bem estabelecido enquanto significado, qual seja, a relação entre sujeito e objeto. No entanto, para podermos compreender como a Modernidade vai expressar uma possibilidade fundante ao sujeito, é necessário olhar para transformações que marcam o declínio da Idade Média.

Ao analisarmos o mundo da baixa Idade Média, com o Renascentismo é possível perceber um retorno à época antiga que se estendia nas artes, na economia e na política. Esse movimento, que retomava o pensamento à Grécia Antiga, não se apresentava em paralelo aos interesses de Roma, que começava a ser confrontada por uma reforma que não considerava o clero e a monarquia como representantes do poder divino. O Renascentismo já desvelava fragmentos de um novo tipo de pensamento que estaria por vir, uma vez que deslocava o conhecimento do absoluto que regia todas as coisas, Deus, para uma valorização do poder de criação do homem. Há de ressaltar, segundo Burke (2008), que há um mito em torno do renascimento como o propulsor direto da modernidade. Segundo o autor, não podemos desconsiderar nos pensadores e autores renascentistas marcas fundamentalmente medievais, que contrastam uma relação histórica de causa e efeito.

Quando voltamos para o século XVII, podemos encontrar pensadores que trazem consigo as bases dos tempos modernos. Nessa época, emergem teorias em que é possível vislumbrar o nascimento de uma ideia basilar para a modernidade, o sujeito. O conhecimento desenvolvido por meio dos experimentos de Galileu Galilei e da explicação newtoniana sobre a movimentação dos planetas e dos corpos desvelava um desprendimento das amarras metafísicas, possibilitando assim uma análise objetiva da natureza. Segundo Gadamer (1983), o século XVII se apresenta como chave para compreender a relação problemática entre Ciência e Filosofia que se apresenta nos dias de hoje. Pois, quando a mecânica pensada por Galileu foi difundida, juntamente com a expansão de seus processos matemáticos para diversos campos da experiência, se iniciou uma nova concepção de Ciência.

Um ano antes da morte de Galileu, em 1641 Descartes publica uma de suas principais obras. O objetivo das “Meditações metafísicas” era apresentar um sistema de pensamento guiado por uma dúvida basilar que no final apresentasse a condição primordial do pensamento, algo que a dúvida não poderia colocar em questão. O *cogito* cartesiano apresenta uma revolução no pensamento que vai marcar o aparecimento de um novo tipo de homem, o sujeito. Na época de Descartes, outros pensadores, apesar de diferenças, como Leibniz, já vislumbravam a ideia de unidade pensante distinta do restante das coisas. Por outro lado, outros filósofos criticavam sua ideia de um ser racional pressupondo que a verdadeira fonte para o conhecimento seria os sentidos, aos quais podiam recorrer à experimentação e ao teste para suas comprovações. Como é o caso de John Locke que se apresenta como o primeiro nome de uma relação histórica entre empirismo e liberalismo em solo britânico.

A dúvida sistemática cartesiana, que se apresenta como solo das meditações, revela em seu ponto final a dimensão superior de todas as coisas, o *cogito*. É necessário ressaltar que Descartes não exclui Deus de sua teoria, como também prova sua existência, porém reserva a ele o papel de criador, o qual nos permite conhecer a verdade por meio da razão (DESCARTES, 2001). Nesse sentido, o *cogito* conhece as coisas da natureza. Aquilo que se apresenta externamente ao *cogito* pode ser entendido segundo Descartes (2017) por *res extensa*. Sendo assim, o que é material, que é corpo, que tem extensão e está separado, pode ser conhecido racionalmente pelo *cogito* em seus fundamentos.

A divisão cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa* possibilita uma abertura de um sistema de pensamento que não mais se ampara em uma metafísica, enquanto algo superior, acima das coisas, como Deus na Escolástica. No entanto, “Descartes idealizou um sujeito para fundamentar a nova ciência e, assim, deparou-se com uma nova metafísica” (MAYOS, 1993, p. 2). A verdade poderia ser encontrada racionalmente pelo *cogito*, uma vez que este se apresenta repartido da *res extensa* fundamentalmente. Nesse sentido, Descartes nos apresenta na quarta meditação a seguinte consideração:

E, por certo, a ideia que tenho do espírito humano, na medida em que é uma coisa que pensa, e não extensa em comprimento, largura e profundidade, e que nada participa daquilo que pertence ao corpo, é incomparavelmente mais distinta do que a ideia de alguma coisa corporal. (DESCARTES, 2017, p. 83).

O sistema de pensamento estabelecido por Descartes, que se fundamenta em uma dúvida radical, revela um *res cogitans* que é a fonte do conhecimento verdadeiro. Em outras palavras,

a verdade se torna razão, e tal razão está em um determinado lugar, o sujeito moderno. Em consonância, Mayos (1993) nos apresenta a dúvida sistemática cartesiana como uma decisão teórica que pretende alcançar um conhecimento totalmente seguro, que pode ser encontrado somente no *cogito*. Anuncia-se assim, a partir de Descartes, um sujeito epistemológico, que é a fonte do verdadeiro conhecimento.

Já no século XVIII, com os estados imperialistas europeus organizados, o colonialismo propiciava uma exploração de riquezas que não se limitava apenas ao território do império. As disputas relacionadas à expansão de territórios imperiais na Europa marcavam também o controle sobre as colônias do novo mundo e da África. O sistema colonial se apresentava como um tesouro, uma vez que correlacionava duas principais atividades econômicas daquela época, a escravidão e a exploração das terras. Nesse século em que a Europa iria começar a ver a revolução das primeiras máquinas em solo britânico, e na França uma revolução que abalaria o poder absolutista, surge também um filósofo que iria propor uma verdadeira revolução no pensamento.

Quando Kant publica em 1781 sua obra *Crítica da razão pura*, apresentava-se um embate primordial nas ciências e na Filosofia. A questão que possibilitava uma discordância radical entre empiristas e racionalistas revelava uma disputa pelo verdadeiro conhecimento. Esse embate epistemológico entre duas correntes se desvelava em um contexto de desenvolvimento das ciências modernas que já alcançavam grandes resultados por meio das bases metodológicas dessa disputa. Essa partida entre racionalistas e empiristas acontecia sobre um mesmo campo, qual seja, os fundamentos das ciências modernas. Sendo assim, as regras naturais do jogo estavam muito bem estabelecidas. O que estava em disputa era a fonte verdadeira do conhecimento.

O método racionalista de acesso ao conhecimento consiste tipicamente no respeito à lógica dedutiva. De acordo com essa orientação, a verdade é conhecida através de uma argumentação formal que parte de certas premissas consideradas autoevidentes. O conhecimento, assim, emerge de um movimento popularmente conhecido como “do geral para o particular”. Por outro lado, a orientação empirista privilegia a lógica indutiva. O conhecimento verdadeiro somente pode partir dos dados da realidade que se nos apresentam aos sentidos, e esse movimento é popularmente conhecido como “do particular para o geral”. (GAUER, 2007, p. 1).

Um termo geralmente usado quando nos referimos a Kant é que o filósofo promoveu uma “revolução copernicana” na Filosofia. Esse termo que faz analogia a Copérnico e sua revolucionária teoria heliocentrista do sistema solar, se relaciona à proposta de uma filosofia

transcendental kantiana, que iria propor uma revolução que possibilitaria o encerramento da partida entre duas visões epistemológicas, porém sem um vencedor. Nesse sentido, de acordo com Bernardes (2021, no prelo), o conhecimento é para Kant uma mistura daquilo que pensamos e do que experimentamos.

A revolução kantiana do conhecimento se apresenta em formato de uma crítica que tem como objetivo se opor a um conhecimento puro, desenvolvido a partir de princípios pré-estabelecidos que não são colocados em questão, o dogmatismo científico. Na introdução da *Crítica da razão pura*, Kant (1971, p. 23) nos apresenta que não “há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa na experiência”. Porém, a experiência não é a origem total de todo nosso conhecimento.

Nesse ponto se apresenta um tema central para a obra kantiana, que se revela no apontamento de fundamentos a priori à própria existência. Nesse sentido, Kant propõe uma ciência que ampare a Filosofia a partir da possibilidade, dos princípios e o âmbito de todos os conhecimentos a priori. Kant apresenta na primeira parte da obra uma exposição do conceito de espaço e tempo como transcendentais, enquanto a priori daquilo que é externo.

Na segunda parte o autor expõe uma teoria elementar, a qual se fundamenta em uma lógica transcendental para revelar os conceitos do entendimento. Kant propõe uma filosofia transcendental capaz de revelar o objeto como um fenômeno, algo que se apresenta intelectualmente a uma consciência. Nesse sentido, o objeto nunca é algo puro, uma coisa em si-mesma, porém sempre objeto de um entendimento.

Kant (1971, p. 53) aponta para uma dedução transcendental das categorias. Estas podem ser entendidas como “conceitos de um objeto em geral, por meio dos quais a intuição desse objeto é considerada como determinada relativamente a uma das funções lógicas do julgamento”. Desse modo, as categorias revelam seu valor objetivo enquanto conceitos “a priori” que tornam possível a experiência. Aquilo que se apresenta como objeto nunca se apresenta sozinho, como puro, como coisa em si mesma. Sendo assim, o conhecimento nunca pode revelar o que a coisa é, somente como a coisa é enquanto entendimento.

A revolução epistemológica possibilitada por Kant forneceu um solo ainda mais firme para a relação sujeito e objeto que desde Descartes se apresentava na forma fundamentalmente separada o *res cogitans* da *res extensa*. Há de ser ressaltado que para não cometer o erro de estabelecer uma comparação ingênua entre os dois autores devemos ter no horizonte as particularidades de cada teoria. No entanto, podemos olhar atentamente para uma base que suporta ambas as teorias, qual seja, a natureza como a fonte única do conhecimento verdadeiro.

De acordo com Marandola (2020, p. 4), a “recorrência a si, na forma de um sujeito autoconsciente, ligado à *res cogitans*, relega todo o conhecimento à apreensão da *res extensa*, ganhando forma como natureza”. Nesse sentido, o conhecimento verdadeiro desenvolvido pelas ciências modernas possibilita ao sujeito um status de homem moderno capaz de dominar toda a natureza, uma vez que sua condição de coisa pensante o torna superior. No entanto, o que esse sujeito racional conhece é aquilo que é o objeto, ou seja, a natureza enquanto *res extensa*.

O desejo por estabelecer um saber completo do que seria o conhecimento absoluto, e assim a própria Filosofia, despertaria em um outro professor da universidade Berlim o anseio por estabelecer um sistema de pensamento completo que seria a base de todas as ciências, completando assim o projeto científico moderno. Segundo Gadamer (1983), foi Hegel quem buscou estabelecer uma última síntese entre natureza e sociedade/história enquanto um sistema de pensamento que poderia completar a pretensão filosófica e metafísica de alcançar um saber humano completo.

Porém, com a morte de Hegel em 1831, dois anos antes do nascimento de Dilthey, talvez se encerrava juntamente com o maior nome do idealismo alemão a grande força motriz do pensamento e da própria Filosofia: a pretensão de alcançar por meio do pensamento uma “Filosofia primeira”. Nesse sentido, Hegel não deixou herdeiros, pelo menos não à sua altura. Sua filosofia enquanto modo de pensamento foi deixada às sombras, em comparação às expectativas sobre sua continuidade.

Para Gadamer (1983, p. 29),

Caso nos perguntemos sobre o rápido desprestígio da filosofia hegeliana, a resposta será fácil. O progresso da investigação moderna, em todos os âmbitos da ciência, desacreditou a pretensão que Hegel havia sido o último a formular, ou seja, que a ciência da natureza deveria ser prefigurada e incorporada em um sistema apriorístico de pensamento.

O alcance de um sistema de pensamento completo entre o sujeito consciente e a natureza objetiva encontra seus limites justamente no período auge das ciências modernas e da sociedade europeia. As ciências modernas, alicerçadas em um sujeito racional, a partir de sua condição principal de coisa pensante, podiam por meio da ciência dominar a natureza. Ao passo que existe uma lacuna deixada na Filosofia em uma era pós-hegeliana que marcava os limites de um sistema de pensamento absoluto, a instrumentalização e a mecanização da sociedade revelavam os frutos das ciências naturais, tanto em suas formas de produção como em sua organização social.

No século XIX a Europa apresentava todo seu poder por meio do desenvolvimento possibilitado pelas ciências. Um novo homem tinha surgido, e nesse momento mostrava toda sua potência. As ciências modernas, enquanto um conhecimento estabelecido a partir da natureza, tinham sua extensão ampliada nas margens da própria verdade. Seus resultados enquanto transformações sociais eram inquestionáveis empiricamente. A Europa, que mostrava ao mundo o poder do homem moderno, talvez não imaginasse que seria apenas um século depois o aparecimento de dois grandes confrontos marcados pela destruição.

Wilhelm Christian Ludwig Dilthey nasceu em uma pequena cidade da Alemanha chamada Biebrich, que ficava às margens do rio Reno, no ano de 1833. Lessing (2019) coloca o nome de Dilthey ao lado de Husserl e de Nietzsche como um dos maiores filósofos do final do século XIX e do início do século XX. Também considera a pensamento diltheyano diretamente “conectado com as ciências humanas, a hermenêutica, o desenvolvimento de uma psicologia não naturalista e compreensiva e a concepção de uma tipologia das visões de mundo” (LESSING, 2019, p. 16). No entanto, há de se ressaltar que Dilthey ainda é pouco conhecido e estudado nas áreas de humanas no Brasil, sendo a Filosofia e as Ciências Sociais as áreas com mais estudos relacionados à sua obra.

Dilthey vive em uma época marcada pelo domínio das ciências naturais. A Filosofia que se tinha desenvolvido tanto tempo como metafísica começava a ver, diante de um mundo mecanizado, uma separação de sua própria criação instrumental que segundo Gadamer (1986), tinha tido início com a mecânica de Galileu. Nesse sentido, “Dilthey tem bem claro diante de si o processo histórico que marcou a substituição do domínio que a metafísica exercia sobre as ciências do espírito, pelo poder, igualmente soberano, que passou a ser exercido pelo conhecimento natural” (PACHECO AMARAL, 1987, p. 4).

Quando Dilthey publica em 1883 a *Introdução às ciências do espírito*, é possível perceber na primeira parte da obra, ou primeiro livro, qual o objetivo de seu pensamento. O filósofo alemão pretendia desenvolver uma visão científica autônoma sobre as ciências do espírito que estaria ao lado das ciências naturais. A emancipação das *Geisteswissenschaften*, segundo Dilthey (2010), demandava um processo de separação dos métodos naturais próprios às ciências modernas.

No entanto, tal proposta de emancipação epistemológica colocava em cheque a autonomia das ciências disciplinares. O projeto de Dilthey pode ser entendido como uma “Crítica da razão histórica” que tinha um alicerce na crítica kantiana de uma razão pura. Reis (2002) nos apresenta que para Dilthey a crítica kantiana se apresentava ainda como um último

clarão metafísico, uma vez que pretendia alcançar um conhecimento intelectual absoluto desconsiderando algo que para Dilthey se apresentava como fundamento, a história.

Para ele, Kant só conhecia do espírito as faculdades transcendentais do saber absoluto. De um lado, a sua crítica não atingia o erro metafísico em sua raiz, a insensata busca de uma verdade absoluta do ser essencial. De outro lado, a sua análise participava ainda dos erros metafísicos: ele não partia da história, não articulava o pensamento à vida, mas reduzia a metafísica à aventura da razão, incluindo-a em uma história interna da filosofia. Kant em sua crítica se apoiava apenas na capacidade intelectual do espírito humano, quando é o homem todo, em sua história, que se exprime nos sistemas metafísicos. Para Dilthey, a sua abordagem não era suficiente. (REIS, 2002, p. 159).

A proposta diltheyana para as ciências do espírito deveria estar sustentada por uma única base, que é a vida. Nesse sentido, para se desenvolver um conhecimento que conseguisse compreender a realidade efetiva histórico-social, este deveria estar alicerçado na experiência. Nesse sentido, o conceito de *Erlebnis*, como experiência vivida ou vivência se apresenta como fundamental para as ciências humanas. Segundo Dilthey (2010) se distingue inicialmente as ciências humanas das ciências naturais a partir do modo em que as ciências naturais se relacionam com a natureza, enquanto objeto que pode ser explicado. Nas ciências humanas os fenômenos se apresentam de uma forma original, revelando-se internamente em uma conexão viva.

Nesse sentido, Lessing (2019, p. 19) aponta que o “problema de base científico-filosófico de Dilthey são os fundamentos epistemológicos, lógicos e metodológicos das ciências humanas”. O projeto diltheyano de uma emancipação das ciências humanas tem como base um afastamento dos métodos naturais como único caminho possível para o conhecimento científico. Tal recusa epistemológica não se dava pelo fato que tais fundamentos naturais se apresentavam como limitados para um conhecimento que buscasse analisar as vivências enquanto fenômeno vivido internamente.

Essa diferenciação entre ciências da natureza e ciências humanas na obra diltheyana implica uma necessidade de diferentes caminhos metodológicos para o desenvolvimento para cada ciência. Em *Introduções às ciências humanas*, Dilthey nos apresenta uma análise detalhada da história da Filosofia enquanto um percurso que tinha como norte o alcance de uma filosofia primeira. No entanto, um grande abalo sobre a metafísica acontece com a chegada do sujeito moderno, que controla a natureza e observa tudo como objeto.

A história da Filosofia pode ser compreendida na obra diltheyana enquanto um percurso metafísico que desagua em um conhecimento racional tão poderoso, que era capaz de fornecer ao homem, por meio das ciências modernas, o controle sobre a natureza. Uma vez definido o

alicerce epistemológico da verdade científica, qual seja, a dicotomia entre sujeito e objeto, diferentes áreas de estudo podiam se tornar autônomas enquanto ciências a partir de uma delimitação do objeto de estudo. Mas, para o desenvolvimento de uma área de estudo ser formalizado enquanto uma ciência esta deveria estar debaixo dos mesmos fundamentos das demais, das bases epistemológicas naturais.

Esse movimento de submissão aos fundamentos epistemológicos naturais foi algo que se apresentou nas ciências humanas no estabelecimento das áreas de estudo enquanto ciências autônomas. No livro de 1894, *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*, o autor nos apresenta um projeto de uma psicologia fundamentada na compreensão e na descrição. Segundo Dilthey (2011), uma psicologia descritiva e analítica deveria servir juntamente com a antropologia como base das ciências do espírito, uma vez que estas estavam enraizadas na compreensão e na historicidade da unidade psicofísica.

Para tal projeto, a psicologia descritiva deveria se distanciar de uma psicologia explicativa, desenvolvida a partir de todo movimento impositivo das ciências modernas, que tinham como pretensão um conhecimento objetivo sobre os fatos espirituais. Scocuglia (2002) nos aponta que para Dilthey a vida se apresenta em uma complexidade que não se limita aos fenômenos da natureza, uma vez que é atravessada por escolhas, valores, juízos e prioridades.

O projeto das ciências humanas se apresentava como uma tarefa, uma vez que os resultados práticos das ciências modernas não podiam ser contestados em uma Europa dominada pela técnica, que vivia o auge do cientificismo no século XIX. No entanto, mesmo com uma base epistemológica que se estendia desde Descartes, a qual tinha fornecido uma instrumentalização e uma organização racional da sociedade, uma dúvida crucial ontológica começava a aparecer no horizonte. Talvez poucos soubessem que um século depois essa questão ficaria ainda maior depois de uma explosão em solo japonês.

A proposta de Dilthey pode nos oferecer uma ponte, uma travessia para algum lugar. Destarte, se lermos Dilthey com lentes turvas que encaixem o autor em alguma corrente de pensamento, temos diversas possibilidades para isso. Dilthey pode ser acusado de pós-kantiano, de pós-hegeliano, de historicista, de romantista, de metafísico e, se fizermos uma força, podemos encaixotá-lo na Fenomenologia. E talvez isso nem seja um problema, uma vez que “Dilthey reconhecia que o seu pensamento estava profundamente enraizado em Kant e no Idealismo Alemão” (REIS, 2002, p. 161).

No entanto, se olharmos para ele com esses olhos, talvez não consigamos perceber pontos preciosos de sua teoria, que pode nos convidar a pensar para além de uma dicotomia

entre sujeito e objeto, algo além da divisão interior e exterior, da *res cogitans* e *res extensa*, sem desconsiderar o tempo. Dilthey nos entrega um convite, de uma festa a que ele não vai e que não sabemos onde é.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Antonio. **Ontologia e epistemologia, o que é isso?** uma experiência geográfica. “No prelo”. 2021.

BURKE, Peter. **O Renascimento**. Lisboa: Texto & Grafia. 2008.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

DILTHEY, Wilhelm. **Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica**. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências humanas**: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GAUER, Gustavo. Debates epistemológicos entre empiristas e racionalistas-II. *In*: GOMES, W.B; GAUBER, Gustavo; SOUZA, M.L. **História da Psicologia**, 2007.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura e outros textos filosóficos**. São Paulo: Abril, 1974.

LESSING, Hans-Ulrich. Wilhelm Dilthey – O Filósofo das Ciências Humanas. **Aoristo**, Toledo, v. 2, n. 1, 2019. (Tradução de Eduardo Henrique Silveira Kisse).

MARANDOLA, Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. 1-12, 2020. [online].

MAYOS, Gonçal. El problema sujeto-objeto en Descartes. Prisma de la modernidade. Tradução de Mariá Brochado e Natália Freitas Mirandada. **Pensamiento. Revista de investigación e información filosófica**, Madrid. v. 49, n. 195, p. 371-390, 1993.

REIS, J. C. A “crítica histórica da razão”: Dilthey versus Kant. T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. **Revista Do Programa De Pós-graduação Em História Da UnB**, v. 10, n.1-2, p. 159-180, 2002.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhey Cavalcanti. A hermenêutica de Wilhelm Dilthey e a reflexão epistemológica nas ciências humanas contemporâneas. **Sociedade e Estado**. v. 17, n. 2, p. 249-281, 2002. [online].